

# SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA: DESCONSTRUINDO TABUS E POTENCIALIZANDO DIÁLOGOS NA ESCOLA

## SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH: THE DECONSTRUCTION OF TABOOS AND THE STRENGTHENING OF DIALOGUES AT SCHOOL

**Myllena Suzi Lima Silva**

myllenalima.ml@gmail.com

Doutoranda em Zoologia pela UFPA e Museu Paraense Emílio Goeldi. Mestre em Ecologia Aquática e Pesca, área de concentração em Biodiversidade e Conservação (UFPA). Graduada em Ciências Naturais/Biologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

**Francisco Waldílio da Silva Sousa**

waldiliosiso@gmail.com

Professor Adjunto II da Universidade Federal do Piauí no curso de História do CSHNB/ Picos, Doutor em Educação (UFPI), Graduado em História, Pedagogia e Teatro.

### RESUMO

Este artigo realiza uma discussão sobre “saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens” a partir de práticas educativas no ambiente escolar. A escola, sem dúvida, é um espaço privilegiado para a promoção da saúde com a implementação de políticas públicas que fomentem discussões e reflexão em prol dessa temática. A adolescência é marcada por transformações físicas e psicológicas fazendo com que os adolescentes vivam a sexualidade de forma intensa, os colocando em zona de riscos, tornando imprescindíveis ações de educação em saúde com a finalidade de conscientizar a adoção de métodos preventivos no campo das DSTs/AIDS e gravidez não planejada mais eficazes, além de oportunizar a potencialização de diálogos e desconstrução de tabus que permeiam a sexualidade humana. Utilizamos nesta pesquisa, uma metodologia quanti-qualitativa, com aplicação de questionários, entrevista e intervenção didática, além das representações discentes. De forma geral, concluímos que, a escola ainda tem um longo caminho a percorrer nas abordagens de saúde sexual e reprodutiva, muitos tabus ainda precisam ser desconstruídos e discutidos na escola, oportunizando a promoção da saúde de adolescentes e jovens.

**Palavras chaves:** adolescentes; sexualidade; doenças sexualmente transmissíveis.

### ABSTRACT

*This article discusses “sexual and reproductive health of adolescents and young people” based on educational practices in the school environment. The school is a undoubtedly a privileged space for the promotion of health with the implementation of public policies that foster discussions and reflection on for this theme. Adolescence is marked by physical and psychological changes, causing adolescents to live their sexuality intensely, placing them in a risk zone, making essential actions of health education in order to raise awareness of the adoption of preventive methods in the field of STDs / AIDS and unplanned pregnancies, in addition to providing opportunities for dialogue and the deconstruction of taboos that permeate human sexuality. We used a quantitative-qualitative*

*methodology with questionnaires, interview and didactic intervention, in addition to the student representations. In general, we conclude that the school still has a long way to go in sexual and reproductive health approaches, many taboos still need to be deconstructed and discussed at school, promoting the health of adolescents and young people.*

**Keywords:** *adolescents; sexuality; sexually transmitted diseases.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa voltada a saúde sexual e reprodutiva realizada com adolescentes e jovens da rede pública estadual do Município de Codó, estado do Maranhão, no ano de 2018, tendo em primazia a desconstrução de tabus que permeiam os assuntos voltados a sexualidade e a potencialização de diálogos no ambiente escolar acerca da temática, ressaltando sua relevância para a implementação de políticas públicas na escola que conscientize e promova a saúde sexual e reprodutiva desse grupo etário que possui um elevado grau de vulnerabilidade a contrair DSTs/AIDS (Doenças Sexualmente Transmissíveis/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

É importante ampliar as abordagens sobre sexualidade na escola, sobretudo com adolescentes e jovens, uma vez que, comportamentos sexuais vulneráveis podem colocar a saúde em risco, assim, ações de educação em saúde vêm sendo uma grande ferramenta para minimizar os riscos oriundos de práticas sexuais desprotegidas.

Os comportamentos adotados pelos adolescentes e jovens em relação à sexualidade é um fator que desperta preocupações, especialmente a gravidez não planejada e DSTs, que podem ser ocasionadas pela desinformação e tabus impostos a sexualidade humana. Nesse contexto, os adolescentes devem ter participação ativa na elaboração e implementação de ações educativas no campo da saúde sexual e reprodutiva, principalmente em um aspecto preventivo, sendo necessário que o ambiente escolar como instituição potencializadora de conhecimento proporcione espaços para discussões e debates de tais temáticas como forma de instigar a prevenção no processo de ensino/aprendizagem.

Diante do exposto, algumas problematizações nortearam o desenvolvimento desse trabalho, tais como: Qual a importância das abordagens sobre a saúde sexual e reprodutiva com adolescentes e jovens do ensino médio? Quais as representações de alunos/as da educação básica, em específico da escola envolvida neste estudo, acerca da temática DSTs/AIDS?

No desenvolvimento desse trabalho utilizamos uma pesquisa de cunho quanti-qualitativa, cujos procedimentos metodológicos compreenderam revisão de literatura, aplicação de questionários com perguntas objetivas e subjetivas, entrevistas, intervenções didáticas, além da observação, tendo como objeto de estudo uma escola da rede pública estadual Centro de Ensino Colares Moreira no município de Codó, MA, Brasil.

Os objetivos que a pesquisa buscou atingir são: refletir sobre a importância das abordagens sobre a saúde sexual no ensino médio para a formação social dos alunos; analisar as representações discentes acerca das abordagens sobre DSTs/AIDS, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos; promover intervenções didáticas através de oficinas sobre as DSTs/AIDS, gravidez na adolescência e métodos de contracepção, em uma perspectiva preventiva; demonstrar a importância da atuação da escola na promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens.

Neste trabalho analisamos as representações de discentes acerca da saúde sexual e reprodutiva, bem como relatamos as experiências da realização de oficinas com jovens e adolescentes, ressaltando a importância da potencialização do diálogo nesse campo como forma de instigar o pensamento reflexivo sobre os meios de proteção/autocuidado e com a finalidade de desmitificar paradigmas que permeiam essa temática.

## METODOLOGIA

Utilizamos nesta pesquisa uma abordagem quanti-qualitativa, onde compatibilizamos elementos quantificáveis apresentados em percentuais no formato de gráficos com as análises da participação dos/as alunos/as nas intervenções realizadas (oficinas), nessa perspectiva, com o interesse de observar as representações discentes e ouvi-los no que se refere as suas impressões, dúvidas e curiosidades sobre a saúde sexual e reprodutiva, esta pesquisa foi realizada em duas etapas: I) aplicação de questionário com 200 discentes do ensino médio do Centro de Ensino Colares Moreira, no município de Codó – MA e II) intervenção didática por meio de oficina direcionada ao campo da saúde sexual e reprodutiva com o intuito de fomentar a conscientização e proporcionar a promoção da saúde de adolescentes e jovens estudantes.

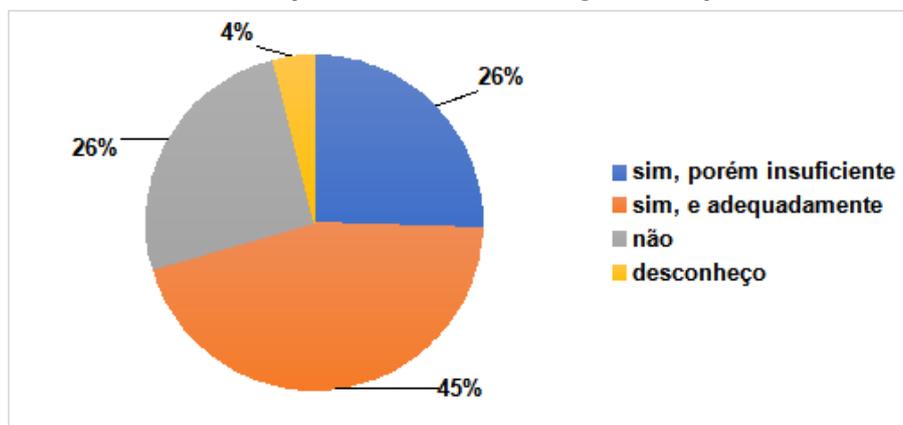
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ouvir as vozes dos adolescentes e jovens acerca da temática que esta pesquisa aborda, é de fundamental importância, haja vista que poderemos conhecer as suas percepções e compreender a relevância da educação sexual no processo de formação e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos/as na escola, os envolvendo em atividades de educação em saúde que viabilizem a adoção de métodos preventivos e reflexões sobre si.

### ***Percepções de discentes: dados do questionário***

A seguir apresentaremos a comunicação dos resultados obtidos nesta pesquisa atinente aos objetivos estabelecidos, onde a partir do diálogo com uma literatura especializada, buscamos realizar a análise e discussão dos dados produzidos. Este subtópico em específico é destinado aos dados quantitativos da pesquisa.

**Gráfico 1 – Percepção sobre as abordagens dos professores**



Fonte: Pesquisa direta.

A partir dos dados apresentados no Gráfico 1 é possível observar que quase a metade dos discentes entrevistados, ou seja, 45% destes declararam que os professores/as abordam a temática saúde sexual e reprodutiva de forma adequada, já 26% dos discentes responderam que os professores/as não realizavam tais abordagens, 25% afirmaram que os professores/as discutem sobre a temática em sala de aula, porém de forma insuficiente e 4% dos discentes relataram que desconhecem a abordagem de docentes sobre essa temática.

Apesar da maioria dos sujeitos declararem que os professores abordam de forma adequada questões voltadas a saúde sexual e reprodutiva ainda existem muitas limitações para a realização de abordagens significativas no âmbito escolar pelos professores, isso, provavelmente, se deve, pelo menos em parte, aos tabus que permeiam temáticas dessa natureza.

Segundo Nascimento *et al.* (2017), para que o professor possa trabalhar de forma significativa a Educação Sexual em sala de aula é imprescindível que, além de possuir conhecimento amplo da temática em questão, ele deve saber distinguir alguns fatores, sobretudo no que diz respeito a sua cultura ou religião para que essa temática não seja envolvida com suas crenças, pois podem intervir no processo de ensino ocasionando limitações na transmissão dos saberes científicos. Os professores no campo da Educação sexual são importantes mediadores de informações sobre métodos seguros de prevenção, para auxiliar os seus educandos a terem uma vida sexual saudável e segura no campo das DSTs/AIDS e a prevenção da gravidez na adolescência, sendo neste momento que o professor age de forma crucial em um repasse de trocas de conhecimentos em sala de aula.

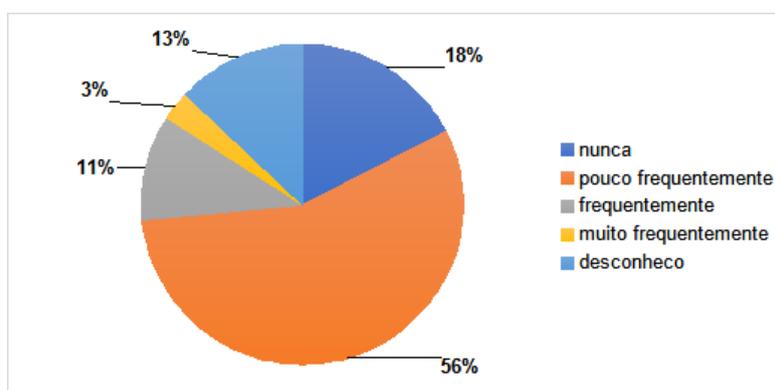
Corroboram ainda com essa linha de interpretação, Moizés e Bueno (2008, p.207) quando afirmam que,

O professor não precisa ser um especialista em Educação sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de ideias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando mediador do conhecimento. A escola é um lugar eleito para inserir, no processo educacional uma educação preventiva. Quando se fala em sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade e relações afetivas.

É importante salientar o local privilegiado no qual os professores estão inseridos para levantarem de forma efetiva tais questões, a escola. Portanto, a escola assume um papel profícuo para a promoção da saúde dos escolares. Com isso, realizamos um questionamento sobre a percepção dos/as alunos/as atinente a atuação da escola no campo da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e jovens, ou seja, sobre a existência de projetos ou campanhas que abordem as Doenças Sexualmente Transmissíveis e os métodos contraceptivos, obtivemos os seguintes resultados.

Foi possível concluir a partir dos dados esboçados no Gráfico 2, que, 56% dos alunos/as percebem que na escola “pouco frequentemente” são desenvolvidas campanhas ou projetos de prevenção às DSTs/AIDS, 17% relataram que nunca participaram ou viram tais ações desenvolvidas na escola, 13% desconhecem a existência de ações nesse campo, 11% dos alunos/as declararam que são realizados frequentemente projetos ou campanhas e 3% responderam que muito frequentemente são realizados projetos ou campanhas dessa natureza.

**Gráfico 2 - Percepção de discente sobre projetos e campanhas de prevenção contra as DSTs/AIDS?na escola**



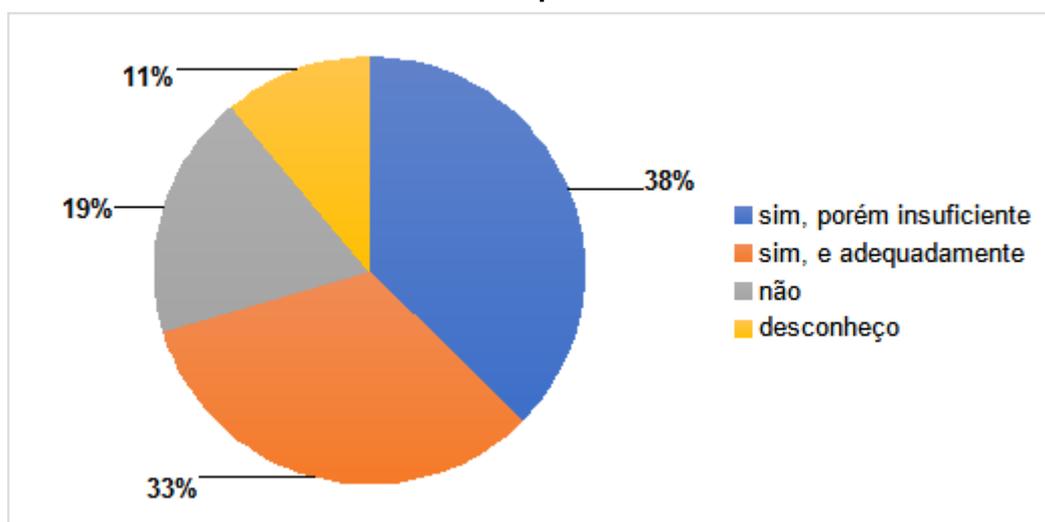
Fonte: Pesquisa direta.

A partir dos dados apresentados no Gráfico 2, é possível afirmar que, na opinião da maioria dos discentes, são escassos ou faltam programas/campanhas na escola acerca da saúde sexual e reprodutiva. Uma vez que entendemos que a escola é um ambiente “fértil” para o desenvolvimento de políticas públicas no enfrentamento às DSTs/AIDS, sem dúvida, torna-se indispensável à adoção de ações educativas que possam subsidiar a promoção da saúde e de hábitos que favoreçam qualidade de vida a todos os sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, Holanda *et al.*, (2010, p. 703) assevera que,

Pesquisas demonstram que a escola representa o espaço social significativo de promoção da saúde, por ser o local onde os alunos permanecem grande parte do dia. Elas apontam a escola, depois do seio familiar, como local privilegiado para o desenvolvimento de ações de informações e Educação em Saúde com o objetivo de incentivar estilos de vida saudáveis. Salienta-se a necessidade de realizar ações de Educação em Saúde neste contexto, o que permite integrar os profissionais da escola na orientação sobre fatores de risco para doenças.

Além da atuação dos professores e da escola em relação às abordagens, realizamos um questionamento a respeito das informações fornecidas pelo livro didático, já que é um instrumento muito utilizado pelos professores em sala de aula, em especial o livro didático de Biologia onde possui mais apontamentos acerca do tema central da pesquisa realizada.

**Gráfico 3 - Percepção de discentes sobre o livro didático acerca de informações sobre saúde sexual e reprodutiva**



Fonte: Pesquisa direta.

A partir dos resultados do GRÁFICO 3 é possível perceber que 37% dos alunos responderam que os livros didáticos fornecem informações sobre a temática, porém de forma insuficiente, 33% dizem que os livros didáticos abordam adequadamente a temática, 19% afirmaram que os livros não possuem informações sobre saúde sexual e reprodutiva, e 11% dos interlocutores declararam não conhecerem tais assuntos expostos em seus livros didáticos. Como mostra os dados obtidos, uma parcela significativa dos alunos ainda afirma que os livros não possuem informações sobre a temática, esse fator pode ser colaborado pelo desconhecimento, por parte dos/as discentes e/ou o uso superficial do Livro Didático pelos professores/as, pelo menos no que se refere essa temática.

Os livros didáticos são importantes instrumentos norteadores para os professores no processo pedagógico, sendo também, um instrumento facilitador e de guia aos/as alunos/as para a aprendizagem. Porém, muitas vezes abordam conteúdos de forma pouco sistemática

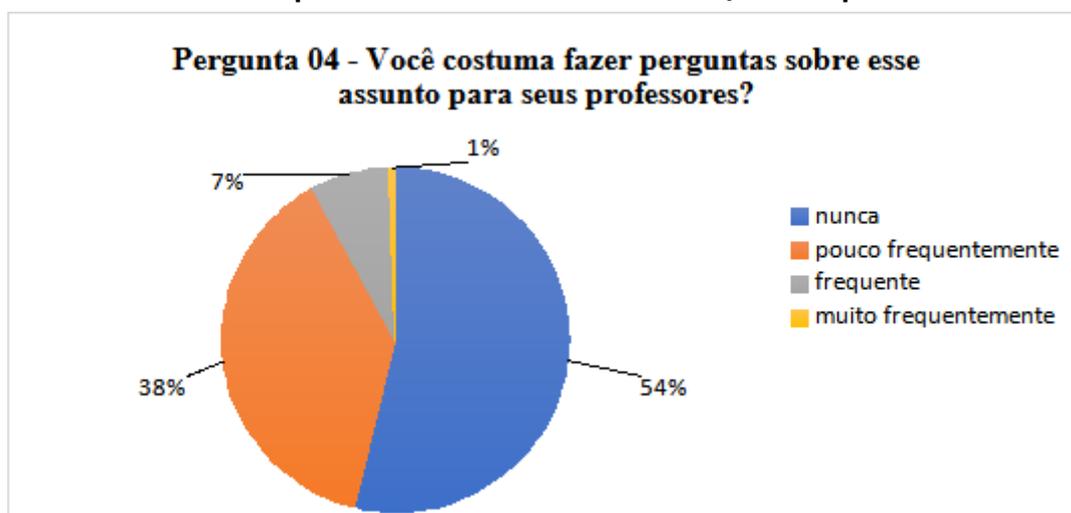
e superficial, principalmente conteúdos que contemplam a saúde sexual e reprodutiva, talvez, em parte, pelos preconceitos e estereótipos que enalçam esse campo, podendo ser um dos motivos pelos quais as informações sobre essa temática contida em tais livros não satisfaçam às necessidades de conhecimentos de muitos discentes.

Conforme Souza e Coan (2013, p.2) “o conteúdo de sexualidade nos LDs [livros didáticos] nos tempos atuais não pode oferecer espaço para se alimentar tabus e mitos sexuais”. Além dos limites do livro didático em relação às abusões que cercam essa temática, muitos professores ainda estão detidos a metodologias tradicionais e a conteúdos programados dos livros sem buscarem novas fontes de informações e conhecimentos acerca do campo que abrange os aspectos sexuais e reprodutivos, seguindo esse mesmo raciocínio, Carvalho *et al.* (2012, p.31) afirmam que:

Em meio a tudo isso surge um personagem indispensável no processo de ensino e aprendizagem: o livro didático. Ele serve de alicerce para o profissional professor no desenvolver de seu trabalho e faz o papel de guia para os estudantes no aprendizado dos conteúdos. Entretanto, para que seu papel seja exercido de forma exemplar, é preciso que os assuntos nele contidos tenham uma abordagem satisfatória, discutindo os principais aspectos inerentes a cada um deles e suscitando nos alunos uma reflexão crítica sobre a realidade na qual estão inseridos. No tocante à orientação sexual, essas necessidades também são essenciais, principalmente quando destinadas ao público adolescente, tão repleto de dúvidas e necessitado de orientações.

Alguns aspectos se tornam fundamentais no processo de ensino/aprendizagem, sobretudo no campo da saúde sexual e reprodutiva, visto que é uma temática que desperta muitas inquietações. Por essa razão, elaboramos um questionamento direcionado a interação aluno-professor com a finalidade de saber como tais discentes interagem com as abordagens sobre saúde sexual e reprodutiva e a frequência que indagavam os professores/as sobre a temática.

**Gráfico 4 – Respostas de discentes sobre interação com professores**



Fonte: Pesquisa direta.

No Gráfico 4 observamos que um percentual significativo, 54% dos interlocutores, declararam que nunca realizaram perguntas sobre o assunto para seus professores, 38% afirmaram realizar, porém pouco frequentemente, 7% relataram fazer perguntas com frequência em sala de aula sobre o conteúdo e apenas 1% de todos os sujeitos afirmaram realizar perguntas com muita frequência.

A timidez, vergonha, preconceito e resistência de falar ou indagar assuntos voltados a sexualidade pela maioria dos alunos, ou até por medo das reações dos colegas podem ser uns dos principais fatores para que os alunos/as não indaguem seus professores/as com muita frequência, principalmente assuntos relacionados a saúde sexual e reprodutiva na escola.

A partir da análise do Gráfico 4 percebemos uma acentuada falta de interação dos/as alunos/as sobre o assunto em questão. Muitos adolescentes e jovens ficam intimidados quando os professores abordam essa temática em sala de aula, fator que é contribuído por padrões socioculturais construídos ao longo dos anos e perpetuado em geração para geração, onde falar de sexo e assuntos relacionados é motivo de vergonha. Neste aspecto, Almeida *et al* (2006, p.53) afirma que:

[...] as pessoas não conseguem ver a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, algo natural e instintivo. Parece que falar de sexo sempre foi ligado sacanagem, ao sujo, ao mau. Ao contrário do que muitos associam a sexualidade não tem papel exclusivamente ligado à reprodução, de intenção erótica. Esta tem, sobretudo a função relacional.

Duas perguntas foram voltadas ao diálogo pais/mães e filhos/as acerca das DSTs e métodos contraceptivos, foram elas: “Seus pais falam sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis?” e “Seus pais falam sobre métodos de contracepção?”. Para a primeira pergunta 59% afirmaram que seus pais falam sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis e 41% declararam que seus pais não realizam tais abordagens. Para a segunda pergunta 53% dos discentes relataram que seus pais não falam sobre os métodos contraceptivos e 47 % disseram que sim.

Através dos dados obtidos com os questionamentos é notório que ainda existem muitas limitações no diálogo entre pais/mães e filhos/as acerca das DSTs e métodos contraceptivos, corroborando para desinformação, e conseqüentemente a vulnerabilidade dos adolescentes. A falta e o pouco diálogo podem estar na maioria das vezes associados ao constrangimento de falar com seus filhos/as sobre questões relacionadas à sexualidade. Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013, p.257) “a sexualidade sempre foi um tema delicado, imerso de tabus, resistências e preconceitos, e nem todos os pais tiveram acesso a essas informações ao longo da sua vida em função da não educação que tiveram na juventude”. Almeida *et al.*, (2006, p.53) registra que,

As questões relativas à sexualidade ainda provocam tremores, já que estamos tratando de um diálogo entre diferentes gerações, e os pais nem sempre compreendem que seus valores e ideias não vão mais de encontro às necessidades de seus filhos. É certo que a preocupação da maioria dos pais é proteger os filhos de uma vida sexual frustrante. E muitos talvez o façam por experiência própria, só que à carga de tabus e preconceitos que eles carregam, criam determinadas imposições que acabam com o diálogo, e prejudicam cada vez mais a relação entre pais e filhos.

Uma pergunta foi voltada ao interesse dos alunos/as em receberem informações sobre saúde sexual e reprodutiva, o questionamento foi: “Você gostaria de receber mais informações sobre a saúde sexual e reprodutiva?” Para essa pergunta, um percentual significativo, perfazendo um total de 98%, responderam que gostariam de receber mais informações acerca da temática abordada, e apenas 2% dos discentes responderam “não” a esta indagação. Essa pequena parcela de alunos/as que declara não querer receber informações pode estar associada as limitações ocasionadas pelos tabus e preconceitos que encaixam a sexualidade ou mesmo por compreenderem que possuem informações adequadas sobre a temática, ou ainda questões específicas ligadas a moral e/ou religiosidade além de outras possibilidades, evidentemente.

A partir dos dados obtidos e apresentados é importante observar que os assuntos voltados à sexualidade despertam a curiosidade e interesse dos alunos/as. Esse interesse e curiosidade podem ser incitados pela iniciação sexual precoce dos adolescentes, que muitas vezes desconhecem métodos seguros de prevenção contra as DSTs/AIDS e gravidez.

Em razão do início das atividades sexuais, da suscetibilidade às DSTs/AIDS e aos elevados casos de gravidez na adolescência, os adolescentes precisam ser estimulados a participarem de projetos que proporcionem assistência adequada acerca da saúde sexual e reprodutiva, já que é um grupo etário que necessita de informações para a promoção de hábitos sexuais mais saudáveis (GONDIM *et al.*, 2015).

### **Abordando a Sexualidade na Escola: Uma proposta de intervenção**

É importante valorizar o diálogo com os adolescentes e jovens acerca da saúde sexual e reprodutiva a fim de fornecer informações e enriquecer os conhecimentos dos mesmos sobre a temática, que é imprescindível de ser abordada com esse público etário em especial para a promoção da saúde através de ações educacionais. As práticas sexuais desprotegidas, ocasionados pela desinformação podem os tornar vulneráveis às DSTs/AIDS e à gravidez não planejada. Com isso, a implementação de intervenções didáticas nesse campo proporcionam grandes avanços, principalmente relacionados à desconstrução de preconceitos e tabus sobre a sexualidade humana, contribuindo para que os adolescentes se sintam confortáveis para abordar tais temas e possam adquirir hábitos sexuais mais saudáveis e qualidade de vida.

É fundamental ouvir as vozes dos sujeitos envolvidos, com o intuito de saber suas impressões, percepções e conhecimentos em relação a temática desta pesquisa, fomentando discussões e compartilhamento de experiências, nesse sentido, abrir espaços para o diálogo e construção coletiva de conhecimento entre pares, faz-se muito necessário, revelando-se assim, uma questão de saúde pública.

A intervenção didática (Oficina) foi aplicada no Centro de Ensino Colares Moreira da rede pública estadual do município de Codó/MA, com alunos do 3º ano do Ensino Médio, e teve como base para sua realização uma Cartilha elaborada pelo Ministério da Educação em parceria com Ministério da Saúde<sup>1</sup>, com o intuito de integralizar a promoção da saúde e prevenção nas escolas com fascículos que abrangem o campo da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens. A cartilha utilizada tem como fascículo principal a Prevenção das DSTs, HIV e AIDS (Adolescentes e Jovens Para a Educação entre Pares). Essa cartilha foi desenvolvida com o intuito de contribuir para ações em prol da população adolescente e jovem em formação social, com objetivo de proporcionar debates e discussões nas escolas acerca de temas que são importantes serem discutidos na sociedade e principalmente no âmbito educacional, que muitas vezes são estereotipados e limitados por questões socioculturais.

A promoção da saúde sexual e reprodutiva dos jovens ganhou, nas últimas décadas, um espaço significativo na sociedade, sobretudo com o desenvolvimento de programas que estão intensificando o diálogo sobre a saúde sexual e reprodutiva a fim de amenizar os casos de DSTs/AIDS na adolescência, fortalecendo os direitos sexuais e reprodutivos da população, muito embora saibamos que tais iniciativas têm sido nos últimos anos alvo de ataques e mentiras (*fake news*) de setores sociais reacionários, conservadores, muitos destes representados por grupos políticos ligados ao governo federal atual (2019-2022).

Para o desenvolvimento da intervenção didática, realizamos uma dinâmica inicial e duas oficinas sobre a temática Saúde Sexual e Reprodutiva. Na dinâmica abordamos a sexualidade,

1 - O Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) é uma das ações do Programa Saúde na Escola (PSE), tendo como finalidade colaborar para a formação integral de adolescentes e jovens estudantes da rede pública do país, através de ações em educação em saúde que promovam a prevenção da saúde sexual e reprodutiva nas escolas (MEC, 2018).

ênfase sua importância para as relações interpessoais, posteriormente as duas oficinas didáticas: “Vulnerável, eu?” E “Negociando o uso da Camisinha”, além de dá ênfase aos métodos contraceptivos.

A primeira atividade foi a dinâmica da sexualidade “Gatinho Manhoso”, onde para o seu desenvolvimento, os alunos foram postos em pares. Um tinha o papel de ser o “dono” e o outro “gatinho”, a missão era que o gatinho fizesse carinho no seu dono para recebê-lo de volta. O objetivo dessa dinâmica era mostrar que a sexualidade vai além do ato sexual, que ela está relacionada a afetividade, atração e sentimentos dos indivíduos. A dinâmica proporcionou interação e diálogo entre os sujeitos e abriu espaços para as discussões e debates sobre esse tema na sala de aula de forma coletiva e participativa. Com isso, os jovens se sentiram mais ativos e reflexivos acerca de sua sexualidade, podendo assim, vivê-la da melhor maneira possível e consequentemente desconstruir tabus. Camargo e Ferrari (2009, p.938) afirmam,

[...] torna-se necessário conhecer melhor o que os adolescentes pensam, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa abordá-la de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável.

Com a dinâmica realizada foi possível perceber que os/as alunos/as inicialmente mostraram-se tímidos/as, e que no primeiro momento associavam a sexualidade apenas ao ato sexual, também foi possível perceber algumas demonstrações de preconceitos. Porém, com a realização da atividade e em razão da metodologia utilizada notou-se que eles se sentiram a vontade para abordar a temática de forma significativa. Rodrigues e Wechsler (2014, p.90) citam que:

A sexualidade se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se desde o seu nascimento até o momento da sua morte. Assim sendo, a sexualidade vai além do ato sexual em si, pois se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito. Por se tratar de um tema de grande importância na vida dos indivíduos, constata-se que este assunto é pouco estudado, principalmente no que diz respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade de crianças no ambiente escolar, pois esta é uma temática extremamente associada a preconceitos, tabus e crenças.

Após a realização da dinâmica inicial “Gatinho Manhoso”, a turma foi dividida em grupos para a realização da oficina didática sobre saúde sexual e reprodutiva, “Vulnerável, Eu?” Sugerida pela cartilha do PSE, essa dinâmica tinha como finalidade mostrar quais eram as situações de vulnerabilidade de jovens a partir de seus comportamentos.

Antes de começarmos a oficina foi discutido com os/as alunos/as sobre “vulnerabilidades” e quais fatores podem os tornar vulneráveis, mostrando que ela vai além do pessoal, mas que está relacionada também a questões sociais. Após a discussão foram distribuídas tiras de papel com situações de vulnerabilidade no campo das DSTs/ AIDS, com o objetivo de saber o conhecimento deles acerca dessa problemática. As tiras foram as seguintes: Relações sexuais com diferentes parceiros/as sem proteção; Relações sexuais em diversas posições usando camisinha; Injetar drogas compartilhando agulhas ou seringas; Ajudar uma pessoa acidentada sem o uso de luvas; Relações sexuais usando contraceptivos orais; Sair com uma pessoa que vive com o HIV e AIDS; Dançar em uma balada com um desconhecido; Ter relações sexuais duas vezes por mês sem usar proteção; Massagem nas costas; Masturbação a dois sem introduzir os dedos na vagina ou no ânus; Relações sexuais usando camisinha; Sexo oral com camisinha; Sexo anal sem camisinha; Nadar em piscina pública; Ir a um dentista que esteriliza seu equipamento de trabalho; Furar as orelhas ou fazer piercing sem esterilizar a agulha. Em um quadro foram colocadas colunas, onde na primeira tinha escrito “Vulnerável”, na segunda “Não Vulnerável” e na terceira coluna

“Não sei”. Os alunos tiveram que colar suas tiras de situações nas colunas correspondentes e explicaram o porquê dos riscos.

Essa oficina foi fundamental para a potencialização do diálogo entre os/as alunos/as em sala de aula, onde puderam trocar informações e criar debates sobre a temática e, sobretudo ter conhecimento sobre os comportamentos que podem levá-los à vulnerabilidade no campo das DSTs/AIDS. Através da oficina, foi possível saber as percepções dos/as alunos/as, além de responder algumas perguntas realizadas por eles/as. Nessa perspectiva, a oficina teve como finalidade promover a saúde sexual e reprodutiva, contribuindo para que os jovens reflitam sobre possíveis situações as quais estejam vulneráveis e possam, assim, para conhecer e pôr em prática medidas preventivas efetivas. Nesse sentido, concordamos com Jardim e Santos (2012, p. 38), quando eles ressaltam a importância da reflexão e a potencialização dos diálogos entre adolescentes para a promoção da saúde sexual, afirmando que,

O conhecimento e a reflexão por parte dos adolescentes em relação aos riscos advindos de relações sexuais desprotegidas são fundamentais para que os mesmos possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e da contaminação pelas DSTs, além de exercer um direito que possibilita cada vez mais o ser humano ao exercício da sexualidade desvinculado da procriação.

Neste sentido, ressalta-se a necessidade da construção de espaços de diálogo entre adolescentes, professores e profissionais da saúde como um importante dispositivo para construir uma resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade entre o grupo, tendo o uso do preservativo um papel de destaque como recurso disponível, que atende à função de proteção contra gravidez indesejada e DSTs simultaneamente, sendo necessárias a informação e a conscientização do grupo por meio da educação em saúde.

A segunda oficina foi sobre a Negociação do uso da camisinha, essa oficina teve como finalidade mostrar a importância do método para o sexo seguro e prevenção das DSTs/AIDS. Para a realização da atividade assim como na anterior a turma foi dividida em 4 grupos, onde eles receberam tiras feitas de papel (contendo passos da negociação do uso da camisinha) e foi solicitado que eles/as colocassem na ordem que achassem correta para a negociação da camisinha. As tiras foram: Negociar o uso da camisinha; Dançar; Acariciar; Tirar a roupa; Relação sexual; Ejaculação; Ir até minha casa ou a outro local apropriado; Beijar; Convidar para tomar um suco ou sorvete; Apresentar-se. Após terminarem de organizar as tiras, foi solicitado um voluntário (a) para ler o que colocou em sua lista e em que momento deveria ocorrer à negociação da camisinha e debater com os demais grupos argumentando o porquê da sequência.

Com a realização dessa atividade os discentes puderam expor suas concepções e refletir sobre a negociação do sexo seguro e sua importância para a promoção da saúde sexual, frisando que a negociação é relativa e vai depender de cada indivíduo realizá-la da forma que achar mais conveniente. No decorrer da oficina foi possível ouvir as vozes dos/as partícipes, seus receios, impressões e dúvidas acerca da negociação do sexo seguro, onde foi perceptível que muitos adolescentes não se preocupam e nem possuem habilidades em fazer essa negociação, talvez seja, em parte, por um/a dos/as parceiros/as recusar/não exigir a camisinha, e/ou até por associarem o uso da camisinha somente para prevenção da gravidez, optando pela utilização de outros métodos. Na oficina alguns/algumas alunos/as principalmente meninas relataram a não negociação do sexo seguro por terem parceiros (as) fixos e pela confiabilidade que possuem nos mesmos, deixando de fazer o uso da camisinha. Nesse contexto, o autor Santos *et al.* (2009,

p.123) ressalta que “a confiança no parceiro, principalmente por parte das mulheres, é destacada como uma das razões mais comuns para que se deixe de lado o comportamento preventivo.”

Nessa oficina também foi mostrado os preservativos feminino e masculino, a forma correta de utilização e os cuidados no manuseio. Para a demonstração foi utilizado um modelo peniano, a camisinha masculina e um aluno voluntário para a colocação do preservativo masculino, já a demonstração da colocação do feminino não tivemos voluntários/as, haja vista que declararam não terem conhecimento sobre o método. Foram apresentados também alguns métodos contraceptivos hormonais e não hormonais para a prevenção da gravidez não planejada. A partir dessa atividade os/as alunos/as puderam discutir sobre a utilização do preservativo e tirar algumas dúvidas acerca do uso e algumas curiosidades referentes a esse método preventivo, e além de mostrar a importância da utilização por ser o único método de prevenção dupla eficaz as DSTs/AIDS e gravidez.

A Saúde Sexual e Reprodutiva é imersa de tabus e preconceitos, sendo imprescindível enfatizar a importância da potencialização do diálogo. É razoável supor que o “silêncio”, “descaso” ou “indiferença” da família seja um dos principais fatores para disseminação de tabus na sociedade, sobretudo acerca da sexualidade feminina em uma cultural patriarcal, onde as mulheres são inibidas de viver sua liberdade sexual e apoderar-se de seus desejos. As limitações sociais impostas na vivência da sexualidade feminina fazem com que muitas mulheres não tenham autoconhecimento sobre seu próprio corpo, restringindo-se, muitas vezes, aos mitos sexuais. Durante o momento de debate uma aluna relatou: “*Meu parceiro não gosta de usar camisinha.*”, isso revela questões culturais do patriarcado que limita a autonomia das mulheres em relação ao sexo, prevalecendo a vontade do homem, muitas vezes de forma impositiva.

O consentimento do não uso da camisinha pelas mulheres pode muitas vezes está associado a forma como foram criadas e educadas em uma sociedade reprodutora do machismo, que por medo de serem julgadas como promíscuas pelos parceiros acabam cedendo ao sexo desprotegido. As alunas participantes relataram nunca ter tido contato com o preservativo feminino, isso mostra a falta de eficiência e expansão de políticas públicas na promoção as DSTs/AIDS voltadas à população feminina. Portanto, é notório que a vivência da sexualidade masculina é mais livre de tabus, é mais autônoma e mais segura, uma vez que a camisinha masculina é mais conhecida e usada pela população.

Nunes *et al.*, (2017, p.2) enfatizam a importância da promoção do uso do preservativo, em específico, os autores se reportam a um segmento populacional comumente negligenciado pelas políticas públicas, os jovens que vivem em assentamentos,

[...] é importante estudos acerca do uso do preservativo, em particular entre adolescentes e jovens de áreas de assentamento, uma vez que este é um grupo emergente com vulnerabilidade aos agravos em saúde, em especial aqueles relacionados à sexualidade humana, e ainda são escassos os estudos sobre a temática, sendo os poucos existentes voltados para indivíduos de assentamento urbano informal. Além disso, o conhecimento da realidade que norteia esses indivíduos favorece o desenvolvimento de ações e política em saúde específica capazes de atuarem em suas necessidades, proporcionando prevenção contra as IST e gravidez não planejada, com visibilidade e equidade em relação à saúde da população jovem, em seus diversos contextos sociais.

A promoção do uso do preservativo para adolescentes e jovens vem como forma emancipadora para vivência da sexualidade com responsabilidade e segurança, uma vez que eles possuem muitas inquietações sobre esse método e o manuseio correto. Portanto, a Educação

Sexual vem com o intuito de promover ações preventivas e de conscientização eficazes no campo da saúde sexual e reprodutiva, minimizando os riscos oriundos de práticas sexuais sem proteção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente, a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens é uma pauta extremamente importante. As abordagens realizadas no ambiente escolar têm um papel fundamental, tendo em vista que a escola, como instituição difusora de conhecimento, torna-se um ambiente oportuno e essencial para tais reflexões e discussões sobre a sexualidade humana, proporcionando e potencializando diálogos e incentivando a desconstrução de tabus. Para que tais abordagens sejam significativas, como vimos a partir da bibliografia especializada, faz-se necessário a parceria família/escola, numa integração de diferentes informações e saberes, não incumbindo somente à escola tal mister.

Abordar essa temática proporciona a conscientização e promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, os sensibilizando a adotarem hábitos mais preventivos e saudáveis através de informações sobre as vulnerabilidades as quais estão expostos relacionadas às DSTs/AIDS e gravidez na adolescência minimizando assim, os impactos negativos desses fatores de risco e instigando, sobretudo o autocuidado.

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível observar que ainda existem muitas barreiras socioculturais que influenciam na vivência da sexualidade dos adolescentes, dificultando vivê-la de forma emancipatória. Os tabus sexuais ainda se encontram enraizados, revelando as marcas de uma sociedade conservadora, machista, sexista, misógina e adultocêntrica, que restringe/censura e banaliza os assuntos voltados a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, em especial de mulheres. Observamos ainda, que existem inúmeras fragilidades nas políticas de prevenção às DST/AIDS no Brasil.

Portanto, entendemos que ainda há muitos caminhos a percorrer na escola e no ambiente familiar no que se refere às abordagens sobre sexualidade e à promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, sendo importante que a escola valorize a educação sexual permitindo discussões e trocas de informações de forma mais aberta e problematizadora, oportunizando o desenvolvimento de ações reflexivas e educativas relevantes que desencadearão em comportamentos sexuais conscientes e responsáveis.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.S.O.; COSTA, R. L.; SILVA, T.M. **Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes**. Franca, São Paulo, UNESP, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26) (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e direitos reprodutivos: uma prioridade do governo**. Brasília-DF, 2005.

CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v,14, n. 3, p. 937-946, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8kgddtXc5hSsg9bt985zwsj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2020.

- CARVALHO, I. S.; JÚNIOR, P. B. C.; NETO, A. V. L.; FREITAS, I. N.; ARAÚJO, R.D.T. A sexualidade em livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental: uma abordagem satisfatória? **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, n.3, p.29-36, 2012.
- GONDIM, P.S.; SOUTOS, N.F.; MOREIRA, C.B.; CRUZ, M.E.C.; HERONILDES, F. Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Journal of Human Growth and Development**, Salvador-BA, v.9, n.1, vol.25, p.50-55, 2015.
- HOLANDA, M.L.; FROTA, M.A.; MACHADO, M.F.A.S.; VIEIRA, N.F. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enferm.** n. 15, p. 701-708, 2015.
- JARDIM, D.P.; SANTOS, E.F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, n.2, v.9, p.37-44, 2012.
- MOIZÉS, J.S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Esc. Enferm.** USP, Ribeirão Preto-SP, n.1, v.44, p.205-212, 2009.
- NASCIMENTO, A. R.; LUCAS, P.; SILVA, C. N.; BIZERRO, J.M.C. Educação Sexual e prática docente na escola. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., João Pessoa-PB, **Anais [...]**, João Pessoa-PB, 2017.
- NUNES, Brenda Kelly Gonçalves; GUERRA, Alessandra Dias Lemes; SILVA, Stéfany Martins; GUIMARÃES, Rafael Alves; SOUZA, Márcia Maria de; TELES, Sheila Araújo; MATOS, Marcos André de. O uso de preservativos: a realidade de adolescentes e adultos jovens de um assentamento urbano. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v19.39041>. Acesso em: 05 fev. 2020.
- RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A.M. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, n. 1, vol. 1p. 89-104, 2014.
- SANTOS, Ninalva de Andrade; REBOUÇAS, Lyra Cândida Calhau; BOERY, Rita Narriman Oliveira; BOERY, Eduardo Nagib; SILVA, Saulo Santos da. Adesão de universitários ao uso dos preservativos. **Rev.Saúde.Com**, v. 5, n. 2, p. 116-127, 2009. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/155>. Acesso em: 05 fev. 2020
- SOUZA, S.L.; COAN, C.M. Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de biologia. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, n.3, 2013, Maringá-PR, **Anais [...]**, Maringá-PR, 2013.